

## **ESTAMOS CHEGANDO, CORONEL!**

**Vinicius Bandera**

- Estamos chegando, coronel!

O coronel pareceu não se importar com o alvissareiro tom da informação. Permaneceu impassível olhando para a frente. Engordara sobremaneira nos últimos anos. Tornara-se uma vetusta figura. Passou a raspar toda a cabeça após fazer a barba, como se tudo fosse uma coisa só. A aposentadoria fazia-lhe os dias serem quase sempre os mesmos, espécie de gêmeos em profusão. Já não andava senão poucos passos diários, como modo de locomover-se pelos contíguos cômodos de seu apartamento. À rua só raramente se aventurava a ir. O médico chegou a dar-lhe um livro a respeito dos benefícios da caminhada e dos malefícios do sedentarismo. Na primeira página, dirigia-lhe uma laudatória dedicatória: “Ao bravo coronel – seguia-lhe o nome de guerra – que tão excelentes serviços prestou à nação.” O coronel jamais leu nenhuma das duzentas e poucas páginas. A dedicatória não pôde deixar de ler, com certa contrariedade, arrancando a página onde ela se encontrava e a rasgando em vários pedaços, antes de a jogar no lixo. Considerava seu médico por demais competente, mas não se considerava um bravo, tampouco um excelente prestador de serviços à nação. A barriga grande incomodava a que tivesse uma respiração serena. Vez ou outra, precisava levar o peito à frente para encher os pulmões de ar. O médico vinha-lhe recomendando que sempre que possível mantivesse a coluna ereta.

- O senhor acha que uma corda de violão adquire uma melhor sonoridade totalmente esticada ou mais ou menos esticada?

O coronel não respondeu, pois não era a primeira vez que o médico lhe vinha com tal analogia. Sentia que assim ele o fazia passar por uma criança ou por um

velho esclerosado, coisa que ainda não era. O próprio médico já isto constataria através de diversos exames. Por que não fala as coisas diretamente?, pensou em retorquir em tom de admoestação, mas não o fez. Olhou para o seu sapato, que estava precisando de uma graxa. Depois, recostou-se na poltrona como se fosse começar uma sessão de análise. Só nesse instante percebeu que o ambiente estava tomado por uma música suave. Fechou os olhos sem ser para dormir.

- A mesma coisa serve para a coluna: quanto mais ereta estiver, melhor para a saúde.

Por causa desse conselho médico, o coronel adquiriu o vício de andar com os ombros elevados, o que lhe dava a aparência de ter diminuído o pescoço, além de lhe aumentar a tensão.

- Não é para suspender os ombros, coronel. Eu disse para manter a coluna ereta!

- Vá à merda!

O coronel não admitia que ninguém lhe desse ordens. Estava acostumado a mandar, não a obedecer. O médico pediu-lhe desculpas e nunca mais tocou no assunto. O coronel não conseguiu mais fazer os ombros voltarem à postura normal. Para mostrar ao médico que quem mandava era ele, passou a envergar a coluna o mais que podia, sempre que o visitava em suas consultas rotineiras. Quando saía do consultório até que se esforçava para manter a coluna ereta, a expensas de ter os ombros elevados.

A mulher estava mais gorda do que ele. Começara a engordar depois de ter o primeiro filho. De lá em diante, foi ganhando mais e mais peso. Os médicos estudavam a possibilidade de fazer uma cirurgia para lhe reduzir o estômago.

- Juna escreveu!

- Já sei!

- Está pensando em se casar com aquele...

- Já sei!

- Será que vai dar certo?

- Não sei!

Já não reclamava mais da falta de sal na sopa.

- Tá boa?

- Tá!

Parecia não sentir sabor nenhum.

- O médico disse para eu botar o mínimo de sal.

- Já sei!

Deixava-se entregue à paisagem. Era verde de um e outro lado. Desde o ano passado, o coronel estava pensando em comprar um sítio. Armar uma rede entre duas árvores e ficar a observar as mudanças nas nuvens. Deixava a mulher roncar e saía da cama de fininho. Rosa já o estava esperando no quarto dos fundos. Levava-a para o chuveiro e dava-lhe um banho de gato. Quando a abraçava não conseguia evitar que a enorme barriga a mantivesse afastada de si. Uma vez ela riu e ele lhe ameaçou dar um tapa.

O quartinho na penumbra. Um silêncio de noite em cemitério. Ela deitada de lado, ele por detrás, bulinando-lhe o clitóris intumescido. Pedia-lhe que gemesse baixinho. Rosa ia à loucura, paulatinamente. Isto o seu namorado não sabia fazer. Só queria comer, depois dormia e roncava mais que a mulher do coronel.

Ele poderia ter evitado o que sucedera àquele rapaz naquela tarde/noite de 72. Era o mais graduado de todos, bastava ordenar que parassem. Mas não o fez. Saiu para a sala ao lado e lá ficou sem poder deixar de ouvir os gritos. Pouco depois, entrou o sargento esfregando as mãos: “Acabamos!” Naquela época ele era tenente, a poucos meses de ser promovido a capitão. O sargento pediu-lhe instruções sobre o que fazer a seguir. O coronel, então tenente, ergueu e abaixou os ombros por duas vezes e retirou-se. No carro, de caminho para casa, arrependeu-se de não ter impedido a tortura e o assassinato. Ficou com essa culpa na consciência. Sempre que o seu filho ia visitá-lo com os netos, pensava naquele rapaz. Ele se parecia um pouco com o seu filho. Era o seu maior arrependimento na vida, talvez o único.

O coronel queria almoçar. Apontou um restaurante à beira da estrada. Já estivera ali por diversas vezes. Agradava-lhe a comida.

- Vou mijar! – disse, levantando-se em direção ao banheiro.

Havia uma criação de galinhas ao fundo do restaurante. Dali elas iam para o prato dos fregueses. Criavam-se também porcos, porém em bem menor escala.

- Mais uns quarenta minutos, coronel!, disse-lhe o motorista.

- Já sei!

O coronel conhecia aquele itinerário desde os tempos de antes de entrar na caserna. Antecipava-lhe os tempos e os espaços. Às vezes, equivocava-se.

- Vamos! – ordenou o coronel ao motorista, levantando-se em direção à saída.

- Volte sempre, coronel!, exclamou cerimonioso o dono do restaurante.

Não comera quase nada. Queria emagrecer uns cinquenta quilos. O sentar-se diante de um prato estava-lhe valendo mais como fator psicológico do que propriamente almoçar ou jantar. De noite, apenas a sopa sem sal.

- A sua pressão está estabilizada, coronel. Meus parabéns, continue assim!, proclamou o médico na última consulta.

O coronel estava prestes a chegar. Ele sabia disso e também as pessoas que o aguardavam, pois havia uma hora apazada desde quinze dias.

Começou a esfriar. Ele não se importou. Continuava a apreciar a paisagem. Sempre gostou do verde. Quando voltasse, compraria o sítio. Dinheiro não lhe era empecilho. Tinha que ter duas árvores que servissem de arrimo para a rede. Era o que mais queria na vida.

Esquecera os óculos no restaurante, deu-se conta disto quando pegou o documento para ler. Sequer se impacientou, já lhe conhecia os termos. Na volta, pegaria os óculos. Estava convencido de que o dono do restaurante os guardaria.

Se tivesse que ler alguma coisa, o seu acompanhante o faria por si. Os óculos estavam-lhe sendo cada vez mais um acessório supérfluo. Já não lia mais quase nada, nem a bula dos vários remédios que tinha que tomar. O que mais almejava era a rede. Ela mais do que o sítio.

Da última vez, a emoção foi tanta que a voz embargada dificultava a compreensão de boa parte do seu discurso. Não obstante, salvas de palmas o interrompiam de quando em quando.

Dava-lhe prazer observar as nuvens serem vencidos pela velocidade do automóvel. Elas jamais voltariam a ser as mesmas, nem o coronel, nem Heráclito e o seu rio.

- Vamos ter chuva, coronel!

O coronel estava quase certo de que não iria chover. Conhecia aquela região como poucos. As nuvens lhe diziam que o tempo permaneceria estável pelas próximas vinte e quatro horas. Havia não pouco tempo que sabia com elas se entender.

O coronel começou a ficar preocupado à medida em que se aproximava de seu destino. Toda a sua experiência não lhe era bastante para aliviar a tensão. Levou o peito à frente para respirar com mais facilidade. Ensinaram-lhe que inspirando e expirando profundamente por algumas vezes a ansiedade ia-se diluindo. Com ele, isto nunca funcionou.

- É logo ali depois daquela montanha, coronel!

**Vinicius Bandera** é doutor em Sociologia (UFRJ). Cineasta. 7 contos publicados e cerca de 65 não publicados. Romance *Náufragos da fé* (Laço Editorial, no prelo). Tese de doutorado em processo de publicação.